

PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS POR OUVINTES: RELATOS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO

Karla Millena Marques ¹
Francisco Ebson Gomes-Sousa ²

RESUMO

Adquirir uma língua é um processo complexo e repleto de várias estratégias, debruçamos nosso olhar sobre a aprendizagem de Libras por alunos ouvintes, ou seja, sobre a aprendizagem de segunda língua (L2). Assim, o presente artigo objetiva compreender as estratégias e os processos de aquisição da Libras por ouvintes do curso de licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, considerando as formas de ingresso, as estratégias de ensino aplicadas e as práticas adotadas pelos alunos ouvintes por meio de relatos. Amparamos nossas reflexões na legislação vigente sobre a Libras e a formação docente, em Gesser (2012) sobre a Libras e as crenças que cercam essa aprendizagem, além de Krashen (1985) sobre as aprendizagens de segunda língua. O foco da nossa pesquisa foram alunos do curso de Letras Libras da UFERSA e dois professores regentes surdos, para podemos compreender as estratégias de aquisição de L2 pelos alunos e também a visão dos professores do curso. De acordo com nossos estudos e relatos de aprendizes de Libras como L2 percebemos o quão complexo é aprender uma língua, mas também focamos nossa pesquisa em observar como é importante se apoiar em estratégias, em que existem várias formas para se aprender a Libras, percebemos que o contato prévio com a língua e comunidade surda são fatores que facilitam a compreensão da modalidade visual espacial e culta, além de que a prática é apontada como um fator no qual os fizeram desenvolver e adquirir uma L2 mais rapidamente.

Palavras-chave: Aquisição de L2, Libras, Ouvintes, Estratégias.

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem de uma L2 é complexo e repleto de várias estratégias. Essa área nos despertou curiosidade depois de uma leitura ao livro “O ouvinte e a surdez” da autora Audrei Gesser (2012), em que pudemos observar a importância de se pesquisar sobre, e percebemos que os relatos são muito valiosos para se continuar ou mudar métodos de aprendizagem e ensino de línguas. Outro fator considerável e que vale observar são as limitações e especificidades de cada pessoa e tempo de aprendizado possuem, pois há pessoas

¹ Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, karla.marques@alunos.ufersa.edu.br;

² Professor de Libras do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, Doutorando em Linguística pelo PROLING da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, ebson.gomes@ufersa.edu.br.

que aprendem mais lentamente, outras um pouco mais aceleradamente, isso parte de cada indivíduo.

A escrita desse artigo é também baseada em recortes do nosso trabalho de conclusão de curso, que debruçou olhares para o processo de aquisição da Libras como L2, em que nos baseamos em algumas teorias como as de Krashen (1985), Gesser (2012) e dentre outros, para que possamos conhecer e compreender o processo de aquisição de uma L2, especificamente da Libras por aprendizes ouvintes em uma realidade de formação de professores desta língua.

Pode-se observar que há muitos mitos e medos cercando os aprendizes, na minha experiência como aprendiz de Libras tive algumas dificuldades por falta do contato com a Libras e pelo tempo em sala de aula ser bem limitado, então, busquei estratégias para que pudessem me ajudar nesse processo de aquisição de Libras e também pude compreender que há vários aspectos que cercam a aprendizagem de Libras e percebi que é uma área que necessita de pesquisa e atenção.

Cada um dos aprendizes tem uma realidade, alguns com bastante contato com a Libras, outros terão só na universidade, a diferença é buscar formas de aprender, seja sozinho em frente ao espelho, seja buscando diálogo na rua com surdos, o importante é buscar sempre o contato com a língua. Uma estratégia plausível para a maioria dos aprendizes de Libras é a prática através de frases que usamos no nosso dia a dia, segundo Gesser (2012) aprender sinais com frases ajuda a fixar, muitos também utilizam associações, como o caso de pensar que tal sinal parece com isso ou aquilo, e dessa forma o aprendizado acontece com mais rapidez.

Os aprendizes podem desenvolver suas próprias técnicas e estratégias que mais se identificam e que impactam na sua aprendizagem, o importante é buscar táticas para aprender, e também vale ressaltar que a Libras é uma língua como qualquer outra e para aprender é necessário esforço e dedicação, sem a prática não há aprendizado e para se adquirir uma língua é necessário foco, toda dedicação fará diferença, cada um deve se apoiar na estratégia que mais se identifica, assim conseguirá fluência, nossa pesquisa foca em conhecer quais as táticas mais usadas pelos professores em formação e quais não funcionaram, considerando a singularidade de cada um, e dando enfoque ao objetivo de todos os aprendizes, adquirir a Libras como L2.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pretendemos agora relacionar o processo de aquisição de segunda língua com as teorias e hipóteses de Stephen Krashen (1985), sendo um dos linguistas com grandes contribuições para a área de Linguística Aplicada – LA, para a educação bilíngue e para as compreensões do

texto. Em sua pesquisa principalmente desenvolvida em *The Input Hypothesis: issues and implications*, Krashen (1985) traz à tona uma teoria sobre o processo de aquisição de segunda língua, em que a sua teoria consiste de cinco hipóteses básicas nas quais ele define o processamento da aquisição e da aprendizagem de uma segunda língua: A hipótese da aquisição e a aprendizagem de uma L2; a hipótese do monitor; a hipótese da ordem natural; a hipótese do input e a hipótese do filtro afetivo.

Temos a aquisição e aprendizagem que segundo Krashen (1985, p. 1 *apud* FIGUEIREDO, 1995, p. 49), “existem dois independentes de se desenvolver habilidades em segundas línguas”: seja com o processo de aquisição da mesma seja com a aprendizagem. O processo de aquisição de uma L2 é referido como sendo aquele que se assemelha ao de um aprendiz que está em contato com outra cultura e língua e estando geograficamente na região onde a língua é falada como língua nativa (doravante L1) (LIMA, 2011).

A hipótese do monitor proposta por Krashen (1985) está intrinsecamente ligada à noção de aprendizagem. Essa teoria afirma que as regras aprendidas conscientemente têm função de monitoramento, ou seja, o sistema estrutural de uma língua serve de apoio quando cometemos erros, ou quando focamos na correção dos erros cometidos nas sequências comunicativas internalizadas pelo processo de aquisição (LIMA, 2011).

Krashen (1982 *apud* FIGUEIREDO, 1995, p.51) “postula que o monitor só é posto em prática, se três condições forem cumpridas: tempo, foco na forma e conhecimento das regras.”. Assim, vemos com Lima (2011) que podem ser compreendidas como

1. Tempo: O falante necessita de tempo para pensar nas regras e usá-las de modo coerente. Porém, o fator tempo muitas vezes não é fator preponderante, pois em situações de atos comunicativos, o falante raramente tem tempo para pensar no uso das regras. Nesse caso específico, a função de monitor parece estar mais evidente na escrita do que na oralidade.
2. Foco na forma: O falante deve, além de usar o tempo de forma coerente para a análise das regras, deve também focar na forma ou correção.
3. Conhecimento das regras: Saber os componentes estruturais que permeiam um idioma é de fundamental importância para o exercício do monitor. (LIMA, 2011, p. 66).

A hipótese da ordem natural Krashen afirma que adquirimos as regras de uma língua em uma maneira previsível e que a ordem de aquisição da L1 é a mesma da sequência adquirida na L2. (Krashen, 1982 p.13 *apud* FIGUEIREDO, 1995, p. 49). A hipótese do input, é sabido que, ao adquirir uma língua, o falante passa por momentos de interação com outros falantes, e são nessas situações que o indivíduo se depara com elementos linguísticos ditos até então

‘desconhecidos’ pelo falante. ‘Input’ consiste em dados linguísticos que recebemos nos momentos da atividade conversacional inconsciente (LIMA, 2011).

Krashen (*apud* LIGHTBOWN; SPADA, 1999, p. 39) afirma que “a única forma de adquirirmos uma língua é a partir da exposição a inputs compreensíveis.” (Tradução nossa). Se alguém recebe um input, para haver aquisição o mesmo deve receber dados que sejam considerados input + 1, ou seja, que estejam além do nível de competência do falante (LIMA, 2011).

E a hipótese do filtro afetivo, vemos no trabalho de Lima (2011) que a hipótese do filtro afetivo de Krashen é considerado um bloqueio mental que impede os indivíduos de utilizarem totalmente o input adquirido compreensível que eles recebem para a aquisição da língua (Krashen, 1985, p.3 *apud* FIGUEIREDO 1995, p.52). Vários fatores favorecem esse bloqueio, dentre eles os de ordem psicológica como: desmotivação, falta de autoconfiança, insegurança, dentre outros (LIMA, 2011).

De acordo com as cinco hipóteses de Krashen essas são cinco formas de aprender uma língua, é de suma importância observar que cada hipótese pode ajudar sim no processo de aprendizagem de Libras, porém, não quer dizer que tal hipótese ou estratégia não deu certo com uma pessoa que ela não dará com o próximo, o aprendizado é individual, cada um tem seu tempo e forma que mais se identifica e levar essas diferenças e hipóteses em observação no processo de ensino-aprendizagem são fundamentais.

E sobre as crenças de se aprender Libras “Vale lembrar, por outro lado, que nem sempre as crenças manifestadas discursivamente pelos alunos no contexto da aprendizagem são consistentes e coerentes como seus fazeres, isto é, com suas ações”. (GESSER, 2012, p. 64). Além de que todas essas crenças e imaginário depositado sobre a aprendizagem da Libras estão envolvidas múltiplas culturas e olhares de mundo distintos, fazendo com que se tenham ideias equivocadas sobre a Libras e as línguas de sinais como um todo.

Uma das crenças mais recorrentes quando se fala em língua de sinais é que ela é universal. Uma vez que essa universalidade está ancorada na ideia de que toda língua de sinais é um “código” simplificado aprendido e transmitido aos surdos de forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo. (GESSER, 2009, p. 3).

Cada país tem sua língua de sinais, assim como o Brasil tem a Libras, nos Estados Unidos se tem a Língua de Sinais Americana, e é assim nos demais países, não são línguas iguais, o que pode haver é alguma semelhança de uma para outra, porém, cada país tem sua língua e a Libras não é universal. Dessa forma nós da comunidade surda vamos colocando fim em alguns mitos acerca dessa língua e buscando cada vez mais visibilidade, e há excelentes

autores no campo da Libras nos trazendo conhecimento a respeito dessa extraordinária língua. Observando tudo que foi respondido no decorrer da nossa pesquisa é notório que cada um se apropria de alguma estratégia ou teoria para se aprender Libras, o que nos mostra que esse processo pode ocorrer diferente, e que cada pessoa tem suas dificuldades e cabe a cada um ultrapassar as barreiras encontradas nesse árduo processo que é aprender uma língua.

Nossa aprendizagem está vinculada aos estilos cognitivos e, na maioria das vezes, não temos muita clareza sobre por que preferimos aprender da forma que aprendemos. É aí que entram as *estratégias de aprendizagem*. Elas se referem a nossas escolhas ditas “conscientes”, isto é, a procedimentos que refletem os processos utilizados pelo aluno para responder às demandas em determinadas situações. (GESSER, 2012, p. 57).

Segundo Gesser não escolhemos nos identificar com tal estratégia, apenas nosso cérebro é adepto de tal estratégia, e é isso que sempre estamos observando através de relatos de aprendizes da Libras, no processo de aprendizado de todos há tentativas sobre qual melhor tática para se aprender Libras, uns tentam por frases, outros tentam decorar, outros percebem que a prática é a melhor, e depois de tentativas se identifica com alguma.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa com abordagem descritiva exploratória que tem como objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o problema ou tema pesquisado em que incluem a construção de hipóteses, como também, priorizamos descrever como acontecem este fenômeno (GIL, 2002). A Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFRSA Campus Caraúbas conta com o curso de Letras Libras, sendo este o universo da nossa pesquisa, além de que os alunos ouvintes do 3º e 9º período e professores de disciplinas chave do curso de Letras Libras são os nossos sujeitos participantes. Dessa forma, participaram alunos do curso de Letras Libras, que ficaram divididos em dois do 3º período e dois do 9º período, dessa forma, quatro alunos entrevistados.

Esta pesquisa foi realizada por meio de questionários respondidos via WhatsApp e por vídeo chamada no *Google Meet*, as perguntas foram feitas com o objetivo de conhecer as estratégias mais usadas no processo de aquisição de libras como L2, perguntamos qual foi a maior dificuldade encontrada para se aprender Libras, quais impactos de terem surdos nas turmas dentre outras perguntas embasaram nossa pesquisa. Conseguimos identificar alguns problemas que são consideravelmente recorrentes para a maioria dos professores em formação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa teve como intuito também tomar conhecimento dos medos e das crenças sobre aprender Libras e quais táticas mais usadas. Esse tipo de pesquisa explorou por relatos de experiências da trajetória dos aprendizes de Libras, sendo assim, eles responderam às perguntas cujo intuito foi de compreender sobre as melhores formas de aprender Libras. O questionário teve oito perguntas que giravam em torno do contato com a Libras, com relação à algumas disciplinas específicas, sobre as dificuldades de aprendizagem da Libras, o processo de aprendizagem e os métodos que foram mais eficientes nesta aprendizagem.

Tendo em vista que esta pesquisa se trata de um recorte de um trabalho maior, trazemos à análise apenas dois questionamentos, o primeiro sobre o contato inicial com a Libras e o segundo sobre as estratégias de aprendizagem de Libras que os alunos graduandos em Letras Libras desenvolveram. Nosso primeiro questionamento foi em relação ao contato inicial com a Libras, assim, perguntamos: “Antes de entrar no Letras/ Libras você já tinha tido algum contato com a língua de sinais?”, e os alunos nos responderam que

	Aluno(a)	Resposta
01	Aluna M. D.	<i>Antes do Letras Libras eu não conhecia a Libras e não sabia sinalizar nada, ouvi falar por uma amiga que estava cursando o Letras Libras, mas conheci só quando ingressei na graduação.</i>
02	Aluno R. V.	<i>Não tive contato com a Libras antes de entrar no Letras Libras, porém já tinha visto surdos sinalizando, mas eu não tinha noção de como era, só fui compreender depois que entrei no Letras Libras e logo fui criando interesse por essa língua.</i>
03	Aluna M. E.	<i>Sim, já tive contato sim com a Libras por uma pessoa da minha família que mora no Pernambuco, então eu já vinha praticando antes do Letras Libras, inclusive eu já era apaixonada por essa língua, e também pelo fato de eu ser deficiente auditiva um lado eu não escuto e do outro 50% foi perdido então eu tive contato sim e eu adoro essa língua.</i>
04	Aluna M. J.	<i>Meu primeiro contato com a Libras foi em um mini curso que fiz aqui na minha cidade Felipe Guerra.</i>

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Na primeira resposta a aluna M. D. nos fala que não conhecia a Libras, só ouviu falar por uma amiga, isso nos faz compreender também que para muitos ingressantes é assim, pois muitos ouvem falar em Libras, porém, não sabem nem para que serve e não sabem nem que é uma língua. O aluno R. V. relata que não teve contato com a Libras antes de entrar no Letras Libras, porém ele já tinha visto surdos sinalizando, mas só teve contato mesmo com a língua depois que entrou no Letras Libras, e logo foi criando interesse pela língua.

Nos primeiros contatos, da maioria dos não surdos, com a língua de sinais ocorre no ensino superior. O mediador do processo da aquisição de L2, durante a formação acadêmica, na figura do professor de Libras, compartilha não apenas a língua de modalidade visual espacial como também ensina conceitos relacionados aos surdos. Alunos, que não têm contato com o surdo, desconhecem a língua e também a utilização da Libras. É essencial que o ensino seja pautado em compartilhar os conhecimentos "desmistificando" algumas crenças. (SOUZA JÚNIOR; MARQUES, 2014, p. 103).

Os ouvintes em sua maioria ingressam na Letras Libras sem saber o básico da Libras, muitas vezes não sabem o que é e também quando sabem são ideias errôneas e que se distanciam do que realmente é, e ao longo das aulas vai aprendendo e se encantando pela Libras e por todo esse universo, é importante que o aprendiz de Libras tenha conhecimento da importância, das lutas e aos poucos os não surdos vão desmistificando alguns pensamentos a respeito da Libras e do surdo também, perguntamos sobre as melhores estratégias para se aprender Libras e eles responderam:

	Aluno(a)	Resposta
01	Aluna M. D.	<i>Eu acredito que uma das principais estratégias que me ajudou a aprender Libras foram as conversações em Libras que tanto tinha na disciplina introdução à Libras como também em um curso básico que eu fazia isso ajudou muito pois aprendia sinais e já botava em prática nesses diálogos em Libras, e também glossários em Libras ajudou a conhecer sinais.</i>
02	Aluno R. V.	<i>Eu acho que a estratégia que mais ajuda a desenvolver é a repetição[sic], é necessário repetir até não esquecer os sinais, ou seja, a prática mesmo, tentar sinalizar ao máximo fazer de tudo para sempre está sinalizando, assim você não esquece e só aumentará seu vocabulário.</i>
03	Aluna M. E.	<i>A minha principal estratégia foi ler lábios, eu sou muito observadora, e gosto de ler os lábios enquanto os professores sinalizam e isso ajuda para mim e dessa forma não tenho dificuldades e as expressões também são muito importantes e isso me ajuda a entender o sinal e a memorizar, pois quando o professor sinaliza eu já vou repetindo o sinal.</i>
04	Aluna M. J.	<i>A estratégia que mais me ajudou foi a pesquisa na internet, pesquisei sinais, verbos, já que eu não estava tendo contato na faculdade, então foi a estratégia que eu e meus colegas usamos.</i>

Fonte: Elaboração própria, 2022.

A aluna M. D. diz que a estratégia que mais a fez desenvolver foram as conversações em Libras, pois na disciplina introdução à Libras tinha e em um curso básico que ela fazia, e para ela foi muito bom, pois aprendia os sinais e já colocava em prática e os glossários também ajudaram bastante. Já o aluno R. V. relata que a repetição é uma estratégia que o ajudou muito.

A aluna M. E. fala que ler lábios e prestar atenção na expressão facial ajudou a ela desenvolver, observação ajudou na compreensão dos sinais, essa foi a estratégia usada por ela, assim como Gesser (2012) explica, essas estratégias são escolhas conscientes para facilitar no

processo de aprendizagem. Podemos inferir isso também, pela questão do balbucio na sinalização como podem auxiliar nesta aprendizagem da Libras.

A aluna M. J., que vem do ensino remoto, explica que a estratégia que mais a ajudou foi a de pesquisar, ela pesquisava sinais, verbos na internet e como não estava tendo o contato com a faculdade, pesquisar na internet a ajudou muito e assim como Gesser (2012) fala que estratégias são passos ou ações selecionadas pelos aprendizes, podemos perceber que a aluna buscou uma forma que ajudasse nesse processo de aquisição da Libras como L2 e a pesquisa por sinais na internet foi a melhor forma para ela.

Mediante cada resposta é notório que cada professor em formação teve sua experiência com a Libras de uma forma, dois dos quatro entrevistados tiveram contato com a Libras antes de entrar na graduação, porém contato aprofundado mesmo apenas uma teve, e isso fez toda a diferença em sua trajetória no curso, sempre em suas respostas ela demonstrou que não teve dificuldade em nada que viu no Letras Libras, tudo isso por quê teve um contato prévio com a língua.

Uma das entrevistadas teve um pequeno contato com a Libras em um curso, os outros dois não tiveram nenhum contato antes, ambos relataram que tiveram muitas dificuldades ao longo do curso, uma das entrevistadas também falou sobre a evasão dos seus colegas de sala que abandonaram o curso na pandemia por que não conseguiam desenvolver nas aulas online. E sobre as melhores estratégias para a aquisição da Libras, cada um adotou a sua, uns falaram sobre glossários em Libras, pesquisa na internet, ler lábios, e a prática de sinais e conversações em Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto, observamos várias questões acerca do processo de aquisição da Libras, cada aprendiz tem uma realidade, o que torna o processo diferente é a forma como se superam os obstáculos, adquirir uma língua não é um processo fácil, é cercado por muitas dificuldades, e o que identificamos nos dados da nossa pesquisa é que o esforço vale muito. Os professores em formação que não tinham tanto contato com a Libras, mas que buscaram táticas para conseguir o aprendizado e desenvolveram, como vimos nas respostas, a maioria não tinha um conhecimento aprofundado sobre a Libras e sofreram muito no início.

Dessa forma, é notório que o contato com a língua antes de entrar no curso é importante, porém, sem esse contato também é possível aprender, os aprendizes relataram que não conheciam a Libras achavam difícil aprender por muitos motivos, uns não tinham contato com



a comunidade surda, outros não estavam desenvolvendo com a tática usada, e o encantamento pela língua e a vontade de desenvolver os fizeram buscar formas de aprender. Como vimos, por meio de conversação com colega, pesquisa na internet, usando frases e traduzindo, cada um usou uma forma que melhor se identificou e aprendeu Libras, e o melhor de tudo, não desistiu, colocaram o objetivo na frente, e metade dos entrevistados estão concluindo o curso e continuam aprimorando a sua fluência nesta língua visual-espacial.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, F. J. Q. Aquisição e Aprendizagem de Segunda Língua. In: **Revista Signótica** 7, Goiânia: Ed. da UFG, Jan – Dez, 1995.

GESSER, Audrei. **O Ouvinte e a Surdez** – Sobre Ensinar e Aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?** que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KRASHEN, Stephen. **The Input Hypothesis. issues and implications**. Harlow: Longman, 1985.

LIGHTBOWN, P; SPADA, N. **How Languages are Learned**. 2.ed. Oxford: OUP, 1999.

LIMA, Daniel Ribeiro de. A teoria de Krashen e a aquisição da segunda língua. **Anais Eletrônicos do I SEFELI**, v. 1, 2011, 2011.

SOUZA JUNIOR, F. V.; MARQUES, R. R. Aquisição de Libras por não surdos como L2 no ensino superior. **Revista Diálogos**, v. 2, n. 2, p. 99-110, 2014.